



Esta obra possui uma Licença

Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional



<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/17995>

<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v18i31.17995>

Margens: Revista Interdisciplinar | e-ISSN:1982-5374 | V. 18 | N. 31 | Jul-Dez, 2024, pp. 171-191

Submissão: 10/02/2025 | Aprovação: 12/03/2025



TRANSCONTEMPORÂNEO: PROTOENSAIO SOBRE O INÍCIO DO SÉCULO XXI

TRANSCONTEMPORÂNEO: PROTOESSAY ON THE BEGINNING OF THE 21ST CENTURY

Prof. Dr. Augusto Sarmiento-Pantoja¹  
Universidade Federal do Pará – UFPA (Brasil)

Resumo: O presente estudo busca refletir sobre o século XXI e analisar facetas da arte e do pensamento contemporâneo. O estudo apresenta uma nova categoria para pensar o tempo presente e problematiza questões referentes à guinada contemporânea, que será classificada como transcontemporânea. Serão analisados vários objetos artísticos em especial a obra de Berna Reale e Daiara Tukano, além de reflexões sobre a performance e a representatividade de mulheres e pessoas trans.

Palavras-chave: Arte. Transcontemporaneidade. Hibridismos. Berna Reale. Daiara Tukano.

Abstract: *The present study seeks to reflect on the 21st century and analyze facets of contemporary art and thought. The study presents a new category for thinking about the present time and problematizes issues relating to the contemporary shift, which will be classified as transcontemporary. Various artistic objects will be analyzed, especially the work of Berna Reale and Daiara Tukano, as well as reflections on the performance and representation of women and trans people.*

Keywords: *Art. Transcontemporaneity. Hybridisms. Berna Reale. Daiara Tukano.*

¹ Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com pós-doutorado em Estudos Comparatistas pela Universidade de Lisboa (ULisboa). Docente de Literatura da Universidade Federal do Pará. Coordena os grupos de pesquisa Estudos de Narrativas de Resistência (Narrares) e o Grupo Estéticas, performances e hibridismos (ESPERHI). Bolsista Pós-doutorado Sênior – PDS, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. E-mail: augustos@ufpa.br

Ainda há tempo...

Vi mais os monumentos,
as ruas, as coisas, sem as gentes.
Não via os provocadores.
Ninguém via, nem os microscópios!

Vi os peixes,
as casas, as cidades, a natureza.
Não via os sofredores.
Ninguém os queria, estavam velhos!

Vi números alarmantes,
agonizantes, estonteantes, apavorantes.
Não via os pandêmicos?
Ninguém sabia, estávamos perdidos!

Vi um novo tempo:
a solidariedade, a compaixão, a economia, a ignorância!
Ninguém via os excêntricos?
Ninguém admitia, ficamos sem rumo!

Vi o impossível:
A certeza que o tempo é único,
Ninguém terá condições!
Ninguém saberá para onde vamos!²

Se tivéssemos que nomear o que vivemos nos últimos vinte anos, teríamos extrema dificuldade, ora pelo número de mudanças, ora pelas formas como essas mudanças chegaram até nós. A passagem do século 20 para o século 21 foi repleta de notícias apocalípticas sobre o fim do mundo, mediadas pelo insignificante arquétipo de Sísifo, quando as “proto” inteligências artificiais não estariam preparadas para garantir a manutenção das memórias virtuais presentes no mundo. Os bytes, do binário filosófico de 0 e 1, nos levaram a presumir que o mundo perderia todos os arquivos digitais, causados por um “erro” de computador. Mesmo com suas inteligências artificiais, aquelas máquinas não estariam programadas para reconhecer o ano 2000. Isso porque gostamos de encurtar as coisas, como a piada sobre o falar mineiro. Daí a definição do ano de 1999 como o ano 99, o que geraria na virada do século o colapso sobre as agendas e os documentos, já que nossas máquinas poderiam entender o ano 00, como o início dos tempos, apagando ou substituindo tudo que estivesse arquivado.

² Poema escrito durante a pandemia de Covid-19, em 2020.

Quanto tempo resta?

O reinado milenar era esperado
O apocalipse revelado não veio...
No erro do milênio, o devaneio permaneceu.
Mané, me diga se não foi exagerado.

Vamos esperar mais 1000 anos?

- Nada, cara! Teremos outras oportunidades.
Vamos esperar! O pastor nos adverte!
- Como Miller em sua investigação.
O advento do fim está de relance.

Vamos esperar mais 1000 anos?

Mas esperamos... Quem sabe com o Camping?
Isso movimentou milhões devido à incerteza.
Esse loop será em maio ou outubro?
Sua obsessão, esta, é a única prontidão.

Vamos esperar mais 1000 anos?

Não é preciso muito, nós sobrevivemos!
Halley faleceu... E foi neste século?
Não sei! Mas não houve mortes por gás!
Qual? Cianogênio? Que oráculo!

Vamos esperar mais 1000 anos?

Nada é previsível. Apenas a morte do sol.
Teremos que controlar o cortisol.
Sem isso de tetraneto, nada a desejar!
O homem algum dia terá um planeta?

Vamos esperar mais 1000 anos?

Até lá! Há apenas uma ameaça real,
O humano-animal! criando areia,
Deserto, como se não fôssemos nada,
Louco para terminar nossa viagem.

Vamos esperar mais 1000 anos?³

³ Poema escrito em 2001, durante a ameaça do bug do milênio e revisado em 2020, durante a pandemia de Covid-19.

A especulação tomou conta do noticiário, que aposta no caos de um ano zero, como se fosse uma novidade! Mas esse ano zero... Não temos novidades! Exceto o desejo de representá-lo com o nascimento de Adão (calendário judaico) e Jesus (calendário gregoriano); ou a criação do Huang Di (calendário chinês); ou a migração de Maomé de Meca para a Medina (calendário muçulmano). Unificados pela ficção temporária do cristianismo, em que ainda vivemos hoje, aguardando a chegada do falso Messias. Vários deles, nos parece ter se incorporado nesse anticristo de Friedrich Nietzsche:

Será que alguém já compreendeu claramente a célebre história que *se conta* no início da Bíblia – a do pavor mortal de Deus ante a ciência, *ao prazer e ao esclarecimento*? Ninguém, de fato, a compreendeu. Este livro de padres, *pastores, sacerdotes, líderes, religiosos* por excelência, começa, como convém, com a grande dificuldade interior do *sacerdote, do pastor...* ele enfrenta um único grande perigo, ergo, “Deus” enfrenta um único grande perigo, *seu próprio autoritarismo*. – O velho Deus, todo “espírito”, todo grão-senhor, todo perfeição, passeia pelo seu jardim *e se percebe só*: está entediado e tentando matar o tempo, *resolve ser o criador*. Contra o enfado até os Deuses lutam em vão, *assim, é preciso criatividade!* O que ele faz? Cria o homem – o homem é *um brinquedo* divertido... Mas, *em sua debiedade*, percebe que o homem também está entediado, *porque não compreende sua existência e sua função junto ao criador*. A piedade de Deus para a única forma da aflição presente em todos os paraísos desconhece limites: então em seguida criou outros animais, *mas eles se relacionavam entre si e não com o homem*. Primeiro erro de Deus: para o homem esses animais não representavam diversão – ele buscava dominá-los; não queria ser um “animal”. – Então Deus criou a mulher, *a sua imagem e semelhança*. Com isso, erradicou o enfado – e muitas outras coisas também, *pois aqueles corpos, não poderiam ter vindo de um mesmo barro?! A mulher foi o segundo erro de Deus (Mas como Deus erra, hein!)*. – “A mulher, por natureza, é *(ou foi representada como)* uma serpente: Eva” – todo pastor, *sacerdote, religioso* reproduz essa máxima, mesmo sem saber *o efeito dessa afirmação*; “da mulher vem todo o mal do mundo” – todos *sabem que essa é uma ilusão*. Logo, igualmente cabe a ela a culpa pela ciência, *pelo desejo, pelo prazer e pelo esclarecimento...* Foi devido à mulher, *ou a insatisfação de Deus*, que o homem provou da árvore do conhecimento. – Que sucedeu? O velho Deus foi acometido por um pavor mortal, *a apatia?! O próprio homem havia sido seu maior erro; criou para si um rival, sua imagem e semelhança – mesmo com a pluralidade de cores e raças; a ciência torna os homens divinos, por criarem suas divindades – tudo se arruína para religiosos e deuses quando o homem se torna científico, curioso, e reconhece seu desejo por mais sexo!* – Moral: a ciência é proibida per se; somente ela é proibida, *porque leva a pessoa a pensar de forma autônoma. Ou é como o prazer?* A ciência é o primeiro dos pecados, o germe de todos os pecados, o pecado original, *do conhecimento diante da diferença dos corpos, que levam ao prazer*. Toda a moral é apenas isto: “Tu não conhecerás, o sexo” – o resto se deduz disso. *Por isso, que fomos criados para a diversão divina – O pavor de Deus, entretanto, não o impediu de ser astuto, criando o pecado, para aprisionar o que não é divino e prazeroso. Como se proteger da ciência e do prazer? Por longo tempo esse foi o problema capital. Resposta: expulsando o homem do paraíso, ampliando a possibilidade de brincar com milhares de corpos! A felicidade e a ociosidade evocam o pensar – e todos os pensamentos são maus pensamentos! – O homem não foi criado para pensar autonomamente. – Então o “padre” inventa a angústia, a morte, os perigos mortais do parto, todas as espécies de miséria, a decrepitude e, acima de tudo, a enfermidade, nos convencendo que são demônios – nada senão armas para alimentar a guerra contra a ciência e o prazer! Os problemas não permitem que o homem pense em sexo... desejo o prazer... Apesar disso – que terrível! – o edifício do conhecimento começa a elevar-se, pois a inquietude é espelhada de Deus, invadindo os céus, obscurecendo os Deuses – que fazer? – O velho Deus, diante da apatia dos homens, inventa a guerra; separa os povos; faz com que se destruam uns aos outros (– os padres e os povos sempre necessitaram de guerras... redireciona os homens, abandona as mulheres, impossibilita o sexo e o prazer). Guerra – entre outras coisas, um grande estorvo à ciência, ao mesmo tempo que ela a munícia! – Inacreditável! O conhecimento, a emancipação do domínio sacerdotal*

prosperam apesar da guerra, *pois se encontra encriptado nas torres de marfim!* – Então, o velho Deus chega à sua resolução final: “O homem tornou-se científico – não existe outra solução: ele precisa ser afogado *pelo prazer e pelo sexo*”... (Sarmiento-Pantoja by Nietzsche, 2002, p. 44)⁴:

O fragmento de *O Anticristo*, pode parecer longo e enfadonho, mas representa bem a preocupação que traçamos nessa reflexão sobre a criação e sobre a ideia de tempo, de um início. Ele nos traz perguntas importantes na concepção do sagrado. Precisamos conectar as pessoas às histórias e as (des)histórias de nosso tempo. Não podemos mais aceitar a criação como uma dádiva, nem que a mulher representa o mal e o sofrimento. É necessário trazer perspectivas outras, por isso, faço minhas intervenções no texto de Friedrich Nietzsche de forma proposital, como ferramenta que mistura três representações discursivas autênticas e independentes, mas que permitem observar na prática discursiva o que eu chamo de transcontemporâneo, pois a rasuramos, revemos e ressignificamos, ao mesmo tempo, que se recupera, remete e ratifica o passado e as verdades construídas em um processo intenso de visão e divisão sobre as formas de entender uma tradição.

Retomando ao mito da criação, sabemos que não compilamos em nenhuma memória, uma forma de definição de começo que possa ser entendida como unânime. Se tomarmos os calendários usados atualmente, veremos que a contagem do tempo não será igual entre eles, o que nos permite questionar sua validade. No calendário chinês, em 1º de fevereiro de 2021 iniciamos o ano 4719. Veja que isso é mais que o dobro do tempo medido em anos, no calendário gregoriano, o que costuma ser seguido no ocidente, e 32 dias em relação ao que se convencionou chamar de início de ano, fato que definiria dissenso entre o calendário gregoriano e o chinês. Este foi criado em 2637 a.C. pelo Imperador Huang Di (Huang-Ti), conhecido como o Imperador Amarelo. O calendário de Huang Di, impõe seu início à chegada ao poder do Imperador Amarelo, mesmo que eles soubessem que ali não era o início dos tempos, nem da tradição chinesa, pois Huang Di, foi o terceiro imperador e não o primeiro, mas define o calendário e como ele é seguido hoje, mesmo que lá não seja o início dos tempos. E o que isso significa para nós que pensamos o presente, ou os últimos anos do presente?

Essa forma de contar é semelhante ao calendário japonês, porém, no Japão, um novo ciclo se inicia quando um novo imperador sobe ao trono. Uma nova era imperial, iniciou em 01 de maio de 2019 com a posse do Imperador Naruhito.

Se tomarmos o calendário chinês como uma nova forma de contar o tempo, veremos que o mundo mudou de século, dois anos após o calendário cristão, portanto, estamos no século XLVIII (48).

⁴ Texto adaptado de livro *O Anticristo*.

No calendário mais antigo ainda em uso, o calendário judaico, a contagem toma a criação dos humanos, Adão e Eva por Deus, como ponto de partida. Entretanto, o poder da cultura cristã foi tão avassalador que o calendário judaico precisou formalizar uma aproximação entre os dois calendários, fazendo com que, para saber a equivalência entre esses dois calendários precisamos acrescentar 3760 anos, ao calendário gregoriano ou retirar o mesmo valor do calendário judaico. Por isso, o ano 2023 do calendário gregoriano é equivalente ao ano 5783 no calendário judaico, nesse sentido, estamos no século LVIII (58).

Se tomarmos apenas esses três calendários, já temos argumento suficiente para discutir a ficcionalização da criação, em várias culturas. Dez séculos, vinte e sete, trinta e sete. Temos uma expressão matemática que não pode ser resolvida! Caso contrário, nos colocamos diante de outra contradição: A presença humana na terra!

Humains...

Toda criatura é humana
Se fosse assim, mana!
Tava tudo resolvido?

Mas o sabor da cama,
Emana no corpo de quem ama!
Isso te faz sentido?

Carma ancestral, alma insana!
Medidos em eras, séculos, anos, semanas.
Seria isso proibido?

Acusam-me de vida profana,
Promovem uma perseguição desumana.
Fico bem desiludido!

Vamos quebrar a cela romana.
Viver a experiência sacana
De um paraíso perdido.

Se permitas, viver na cabana,
Uma louca experiência cubana!
Mesmo que depois, sejas perseguido.

Brade contra sua xibana!
Exija sua bela Copacabana!
Ou verás que tens desistido.

Não me deixes sumana!

Minha vida subumana,
É um nada travestido!

A definição de uma origem para cada nova teoria da evolução, torna-se uma piada, uma obra de Sísifo. Em 2013, Jamie Shreeve publicou a descoberta de um fóssil, que altera a contagem da espécie humana em, pelo menos, mais de meio milhão de anos, certamente, longe dos 3.000 a 4.000 anos dos calendários aqui mencionados. Temporalidade que se inscreve desde 1974, quando Donald Johanson e Tom Gray descobriram “Lucy”, considerada o ancestral humano mais antigo já descoberto. nas inúmeras pesquisas paleontológicas realizadas mundo à fora. Com aproximadamente 3,2 milhões de anos, “Lucy”, representa a certeza de um início da geração humana e a confirmação de que nossos calendários são invenções que buscam homogeneizar a ideia de início e nos direcionar para um abismo sem fim se formos pensar mais profundamente sobre a volatilidade e efemeridade do tempo, já pensada e refletida em muitas experiências, em que o tempo ganha protagonismo.

Here, we study genome sequences generated from a largely complete ancient skull that was discovered alongside other skeletal elements in 1950 inside the Koněprusy cave system in present-day Czechia. All skeletal elements were found to originate from one adult female individual called Zlatý kůň (Golden Horse) after the hill on top of the cave system. Archaeological investigations ascribed the stone and bone tools retrieved from the cave to the early Upper Palaeolithic. However, the artefacts in association with this individual could not be confidently assigned to any specific cultural technocomplex. (Prüfer et al, 2021, p. 445)⁵

Não temos como esquecer o caso da descoberta do crânio de Zlatý kůň, de 1950, encontrado em uma caverna na República Tcheca e que nos ajuda a entender que estamos diante de um fóssil muito anterior ao que chamamos de humanos modernos, que são mais recentes, datando de pelo menos 45 mil anos.

Esse caminho argumentativo, por meio da genética, reforça nossa reflexão sobre a imposição autoritária do tempo. Voltando ao calendário hebraico, veremos que a virada do século passado ocorreu durante um dos períodos mais bárbaros e autoritários da história mundial. A Segunda Grande Guerra, nos colocou diante do regime fascista do Terceiro Reich, que invadiu a Polônia dando início à guerra, em setembro de 1939, às vésperas do *Rosh Hashaná* (Ano Novo Judaico), no ano de 5700, que havia sido comemorado no dia 14 de setembro. Portanto, aguardamos a travessia de um novo

⁵ Tradução livre: “Aqui, estudamos sequências genômicas geradas a partir de um crânio antigo amplamente completo que foi descoberto junto com outros elementos esqueléticos em 1950 dentro do sistema de cavernas Koněprusy na atual República Tcheca. Todos os elementos esqueléticos foram encontrados para se originar de uma fêmea adulta chamada Zlatý kůň (Cavalo de Ouro) após a colina no topo do sistema de cavernas. Investigações arqueológicas atribuem as ferramentas de pedra e osso recuperadas da caverna ao início do Paleolítico Superior. No entanto, artefatos associados a esse indivíduo não podem ser atribuídos com segurança a nenhum complexo cultural específico”.

século em 2039, seria esse o cisma da mudança do século, estaríamos ainda diante do século LVIII(58) e aguardando as novas? Seria apenas uma infeliz coincidência?

Refletindo sobre o conflito na Polônia vimos como a tecnologia devastou em pouco tempo a resistência aos alemães, pois nas primeiras horas do conflito, houve um grande decréscimo na resistência à invasão, pois os ataques aos aviões poloneses fizeram com que sua defesa, em um único dia, caísse dos 400 aviões para 54, em apenas 48 horas de guerra.

Sobre a guerra, John Gunther considerou que a derrota polonesa, descrita acima, tornou-se decisiva para a entrada dos ingleses e franceses no confronto acirrando cada vez mais as frágeis relações na região, isso porque “em 14 de setembro, quando já estava claro que os poloneses não poderiam sobreviver, uma sinistra campanha de imprensa da Polônia começou na imprensa russa” (GUNTHER, 1940, p. XIX)⁶. Em outra passagem ele revela:

Now could they send aircraft to Poland in any considerable number. We know now that the Germans used at least 90 per cent of their first-line planes in the Polish campaign. But no one knew this then. The British, in those first furious and uncertain days, had no guarantee that the Germans might not make a terrific assault on Paris and London. (Gunther,1940, p. XVI)⁷

O final do século LVII (57) é decretado pela perseguição e pela tentativa de aniquilar o povo judeu. Mas, como sabemos, a perseguição e a subjugação daquele povo começou muito antes. Seguindo a tradição judaica, voltamos ao seu passado histórico, que toma a escravização judaica no Egito como o ponto de partida dessa reflexão, pois, ali estaria o aríete do desenvolvimento da religião judaica. Ao mesmo tempo, foi decisivo para a instalação autoritária do monoteísmo e a formalização das bases para a narração de um começo para a cultura cristã.

Sigmund Freud, em *Moisés e o monoteísmo*, propõe que “de acordo com essa nossa construção, o êxodo do Egito teria ocorrido no período que vai de 1358 a 1350 a.C., isto é, após a morte de Akhnaten e antes do restabelecimento, por Haremhab, da autoridade estatal” (1991, p. 28). Essa temporalidade, pensada por Freud, mostra que temos muito por entender sobre nosso passado. Os poucos registros que temos são ainda marcados pelo véu das ideologias religiosas, como se pode constatar na passagem sobre a aniquilação da espécie humana. Neste caso nossa espécie teria sido condenada ao pecado, e deve pagar pelas por suas escolhas.

⁶ No original: “On September 14, when it was already clear the Poles could not survive, an ominous press campaign Poland began in the Russian press”

⁷ Uma tradução livre: “Agora podiam enviar aviões para a Polónia em número considerável. Agora sabemos que os alemães usaram pelo menos 90% de suas aeronaves da linha de frente na campanha polonesa. Mas ninguém sabia disso então. Os britânicos, naqueles primeiros dias de fúria e incerteza, não tinham garantia de que os alemães não seriam capazes de fazer um terrível ataque a Paris e Londres”.

Deus se pronuncia bradando: “Eis chegado o fim de toda a criatura diante de mim, pois eles encheram a terra de violência. Vou exterminá-los juntamente com a terra.” (Gênesis, 6:13, p. 11). A destruição, pelo dilúvio, é representada como a aniquilação da humanidade, ao mesmo tempo, sua recriação.

Deixando de lado as contradições religiosas, devemos pensar na imprecisão dos calendários ainda em vigor. Hoje, eles predizem que o tempo e sua formulação são complexos e não conseguiremos resolver o epíteto do início, da criação. Talvez, a percepção que temos do tempo presente nos mostre até que ponto nossos calendários não levam em conta a subjetividade dos números, nem mesmo o tempo imposto à humanidade.

Assim, nos perguntamos se o calendário gregoriano, que nos foi imposto autoritariamente e que determina o início do século XXI, estaria correto em relação ao início deste século, ou já estaríamos no ano 5782, e com isso, no século LVII (57), como os judeus? Apesar da questão retórica, é importante refletirmos aqui, diante da pluralidade, sobre a imprecisão e não sobre a virada do século e sua consequente virada subjetiva, mas sobre ficções criadas pelo homem para corrigir suas incertezas.

Quando nos referimos ao passado original (o suposto ano zero), especulações e proto-memórias nos roubam, como pensava Jöel Candau (2008), ao considerar que as memórias são criadas para cimentar um desejo lógico de conhecimento e domínio desse conhecimento (*habitus*), o que Bergson chama “*memoiré habitude*”, de um corpo como memória. Que não está escrito ou verdadeiramente escrito, levando ao desenvolvimento de uma metamemória, responsável por uma memória, que Fernando Cartoga (2001) chama de *memória imagética*, pois nos fortalece como criadores de ficções, ao mesmo tempo, dá conta de nossa insignificância como possuidores da “verdade” e conhecedores do passado.

Estas memórias do passado, que insistentemente tentamos reconstruir, sem sucesso, assumem a posição de Maurice Halbwachs, em *A Memória Coletiva*, quando analisa: “muitas vezes, para evocar o seu próprio passado, um homem precisa recorrer a outras pessoas. Refere-se aos pontos de referência que ali existiam, fixados pela sociedade” (Halbwachs, 1990, p. 54).

Hoje, mesmo tendo acesso a diversas tecnologias, não temos recurso que possam nos ajudar a determinar o início de tudo, por isso, nos enganamos. Mas os computadores não estavam errados, nossas mentes são as que vivenciaram o “Bug do Milênio”, porque o tempo presente é muito mais que contemporâneo, por isso, começo a seguir e a conceber o presente com o que chamarei daqui para frente de Transcontemporâneo.

Des jemeaux

Caim matou une belle tour,
 qu'est-ce que fès Abel
 duas névoas,
 deux tours dévastées,
 comment vas - tu uma,
 mesmo sendo duas,
 como se fosse eu:
 fragile, éphémère, vapeur.
 Dois em um, um dos dois.
 Ou os dois, os vários uns...⁸

Busco definir a melhor formulação do que seria o *Transcontemporâneo*, a partir da percepção do presente e dos reflexos da forma como entendemos o século atual, como parte de uma nova virada cultural sob a influência das protomemórias. Uma época em que fomos expostos a múltiplas experiências de aprisionamento, isolamento e interação digital, produzidas por agentes invisíveis a olho nu, mas responsáveis por promover, em nível global, o pensamento sobre a fragilidade humana.

Por ora, voltemos à reflexão sobre o tempo...

O poema que abre essa reflexão apresenta minhas impressões e sensações contraditórias, movidas pela vertigem e pela percepção de que vivemos em um ciclo que não terminou e se anuncia como parte de um modelo global complexo de combate ao que se convencionou chamar de “Terrorismo Islâmico”. Movimento que marca uma época de dúvidas sobre segurança, já que em 11 de setembro de 2001, os céus de Nova York se tornaram o centro das atenções do mundo. Agora, os intocáveis americanos foram atacados em um dos símbolos mais representativos de seu poder bélico, o Pentágono, que alimentou as lutas tecnológicas e nucleares desde a guerra fria. Seu centro oco, marco zero, o objetivo inferencial se tornou um símbolo de nossas incertezas e das ameaças iminentes de aniquilação de nosso planeta.

Um é muito pequeno. Dois estaria bem. Mas três, isso é demais.
 Desculpem-me a piada!
 Já invadiram o capitólio da extrema parede? Isso é outro tempo!
 E o 11 de setembro chileno, não é o do brumário?
 Querem fechar o Congresso, o Supremo, o Senado. Esse é outro ditador!⁹

As guerras que se seguiram à segunda, não continuaram a ordem, mas foram tão devastadoras que me pareceram globais, tomando as devidas ressalvas, quando pensamos na extensão dos

⁸ Poema produzido em decorrência da pandemia de Covid-19, 2021

⁹ Poema produzido em decorrência da pandemia de Covid-19, após a invasão do capitólio nos EUA, 2021

territórios destruídos. Para muitos, o próximo século começa com a guerra ao terror, mas será? Para mim, este foi apenas mais um efeito do século passado.

É um efeito contemporâneo da guerra fria, que sofreu muitas transformações e de alguma forma não foi superada. Vimos que essa estrutura binária sofreu mudanças nos últimos 30 anos, principalmente porque nos deparamos com a estratégia de incorporação do bloco socialista ao capitalismo neoliberal, um capitalismo globalizado, liderado pela ascensão econômica da China, que se tornou a segunda maior economia do mundo, construindo um novo modelo dicotômico Leste-Oeste. Um país comunista, que junto com a Rússia, Brasil e Índia, constrói um cinturão de remodelação mundial fragmentado em dois e transformado em três, este seria o nascimento de um segundo mundo, quando antes tínhamos apenas desenvolvido e subdesenvolvido, o primeiro e o terceiro.

Esses países classificados pelo *em desenvolvimento*, geraram incertezas na política capitalista, que cada vez mais sedimentou e nadou na onda neoliberal, mas manteve acesa a chama da ilusão socialista, que neste momento queria remover a dominação econômica dos americanos. Por isso, o embate Leste-Oeste, com exceção do Brasil, que mediu o terceiro vértice, com outra forma de confronto, o Norte-Sul, que graças ao mito das mitologias tupiniquins fez-se espelho narcísico do conservadorismo elegendo o “coiso”.

Outras experiências extremas vinculam os alertas do planeta, entre eles, o Tsunami indonésio após o Natal de 2004, o qual mobiliza a sociedade em uma nova onda de protestos contra o aquecimento global. Mas, muito pouco tem sido feito para seu combate e hoje o sentimos na pele. Mas este evento não foi isolado, outros pequenos Tsunamis, terremotos, grandes e pequenos desastres ambientais mobilizaram as últimas décadas deste século. Isso não pode ser entendido apenas como parte da reação da natureza, pois os conflitos continuam sendo protagonistas, desde 11 de setembro, com a invasão do Iraque em 2003 e a execução por enforcamento de Saddam Hussein.

Saddam Hussein foi enforcado!
Era 30 de dezembro.
Vazou um vídeo
Algumas das testemunhas,
Milícia de Muqtada al-Sadr,
A execução é polêmica
É o dia Eid al-Adha (Sunita)
Os xiitas, será amanhã.
A natureza apressada e caótica
Fazem da execução
Um Saddam, ditador e mártir árabe.
Um Oriente Médio em choque

Um mundo chuvoso de suas necessidades.¹⁰

Conflitos outros, como a guerra de Darfur, que começou em 2003; a guerra entre a Geórgia e a Rússia em 2008, as guerras civis na Líbia e na Síria em 2011, o Sudão do Sul em 2013, o Leste da Ucrânia em 2014 (2022), o Iêmen em 2015, configuraram um panorama de processos migratórios de refugiados de guerra, que geraram uma onda viajante sem precedentes. Fluxo desde o verão de 2015, sem esquecer milhares de pessoas que, na tentativa de chegar à União Europeia, compõem a estatística de mortos e desaparecidos, que desde 2014 totalizou mais de 17 mil na travessia do Mar Mediterrâneo, um conjunto de perdas irreparáveis, que acreditávamos ter sido a gota d'água responsável por quebrar a espinha do camelo e estourar a bolha, do manto nefasto do projeto neoliberal.

Mas, para um planeta gigante, todo esse infortúnio foi pequeno! Até nos encontramos desconectados do mundo, com as primeiras notícias da China. Exatamente no último dia do ano, o prenúncio da ignorância sobre uma infecção de dezenas de pessoas com pneumonia de origem desconhecida na cidade de Wuhan, informou ao mundo o escritório da Organização Mundial da Saúde (OMS) na China, que colocou Wuhan no mapa do infortúnio.

No décimo dia temos a identificação:

Há momentos...

Quem sabe o que virá?
as ruas estavam vazias,
as casas estão fechadas.
O pânico se espalhou.

Mas há quem duvide.
Como você pode chamar as pessoas para as ruas?
O mundo parou...
Mas há quem discorde.

Houve três divergências,
Ao norte, na ilha e ao sul.
O orgulho definiu o caminho
Mas dois deles se viraram.

No sul, na frente do povo
Vimos o discurso do mercado
Vimos a saudade da morte
E continuamos assistindo.

¹⁰ Poema produzido em decorrência da pandemia de Covid-19, 2021

Era hora de admitir que ele estava errado?
Mas os homens não choram
os homens não cometem erros
Homens sem vergonha,

Está na hora de já ir embora... ¹¹

Voltando aos números e bytes, em 2020 foi criado outro alerta, neste caso, um aviso para não cair na inscrição imprecisa da memória e dos documentos aqui construídos. Temos que ter o cuidado de datar os documentos com quatro dígitos e não com dois (e os binários ao contrário!), pois assinar um documento em 01/01/20, pode ter sido assinado em todos os anos anteriores daquele século ou dos posteriores. Mas tivemos outra surpresa, muito mais indigesta para o momento, um deles resolveu convocar "seu povo" e invadiu o Capitólio. A "casa do povo", entre milhões de mortos expostos diariamente nas telas de todo o mundo!

Atenção! Parece que se tornou uma prerrogativa dos acontecimentos vividos neste anos, o que para muitos seria uma protoreivindicação, já que os anos anteriores foram reveladores de um processo de transformação que começou no século XX e perdurou, até então com o mesmo sincretismo que vimos com a chegada do homem à lua e a disputa aeroespacial (e o binarismo persiste!). Para muitos, estamos vivendo, por conta da pandemia do Covid-19, tempos excepcionais. Mas, vemos que os tempos excepcionais não foram produzidos pela pandemia, mas sim, fomos transportados para a excepcional realidade global de forma mais evidente! A partir de 2020, sinceramente, os vinte anos dos anos 2000 foram marcados por vários acontecimentos que nos mostram que o século XX não terminou em 2000, mas durou pelos últimos vinte anos.

O século XX não começou em 1901, como aponta Eric Hobsbawm, na *Era dos Extremos*, ele relata seu início com as primeiras experiências de destruição em massa, advindas da Primeira Guerra Mundial e das formas científico-aniquiladoras do Segundo Mundo e da guerra, que constituirá a base do que o historiador chama de *Era das Catástrofes*, que, somada a tantas outras experiências catastróficas e de subjugação, nos fez reconhecer o século XX como parte do que ainda sofremos hoje. Nesse sentido, continuamos a enfrentar o século passado repleto de configurações do presente,

But few of the inter-war democracies were well-established. Indeed, until the early twentieth century democracy had been rare outside the USA and France (see *Age of Empire, chapter 4*). Indeed, at least ten of Europe's states after the First World War were either entirely new or so changed from their predecessor as to have no special legitimacy for their inhabitants. Even fewer democracies were stable.

¹¹ Poema produzido em decorrência da pandemia de Covid-19, 2021

The politics of states in the Age of Catastrophe were, more often than not, the politics of crisis. (Hobsbawm, 1994, p.138)¹²

Sabemos que os contornos políticos são bem diferentes, mas observamos nesses vinte anos que algumas coisas permanecem, desde a rejeição dos efeitos da legitimidade do capitalismo diante das urgências que as sociedades forjaram e que os estados neoliberais não fazem. O que nos fez compreender o início do século XXI o surgimento de governos de esquerda alinhados ao capitalismo e uma contraofensiva da direita, instalando na última década um grupo de governos ultraconservadores.

Atualmente, vivemos outro tipo de guerra, que propõe uma grande reflexão sobre a própria sociedade humana e os projetos predatórios promovidos por uma nova virada capitalista, ainda construída pelos resquícios do binarismo que abalou grande parte do século XX, o conflito Ocidente/Oriente, várias linhas e cruces, tornou-se a divisão geral das muitas facetas do capitalismo e das disputas imperialistas.

Nos últimos vinte anos assistimos à ascensão da China como grande potência econômica mundial, mas também tecnológica e cultural, retomando seu desejo imperialista, historicamente pisoteado na Ásia, confrontada pelas duas Coreias, Japão e Índia. Desta vez, contra o imperialismo norte-americano, que, após a Segunda Guerra Mundial, resguardado pelo afastamento continental, ganhou destaque.

Posso ser acusado de reducionismo, pois falando em binarismo, em tempos de globalização pode ser considerado uma pilhéria, pois a constituição de povos globais produz a circulação de indivíduos e culturas de forma formidável, e como efeito disso, temos maior contato com a produção cultural de países como China, Coreia, Japão e Índia. Uma verdadeira Orientalização Cultural, fazendo com que os próprios padrões estéticos mudem globalmente, mesmo sabendo que estamos ainda muito distantes de termos acesso a produções e artistas de países não hegemônicos, salvo quando os canais nos vendem paraísos exóticos para filar espectadores para as próximas férias.

Nesses tempos, nos deparamos com uma nova reviravolta oriental, quando vemos jovens sul-coreanos do movimento K-pop ganhando o mundo. Destaque para os boy groups: BTS (Bangtan Boys), EXO (Exo Planet) e SVT (Seventeens); e as grils groups: Blackpink, Red Velvet e Twice.

¹² Uma tradução livre: “Mas poucas democracias do entre guerras estavam bem estabelecidas. De fato, até o início do século 20, a democracia era rara fora dos Estados Unidos e da França (ver *Age of Empire*, capítulo 4). De fato, pelo menos dez dos estados da Europa após a Primeira Guerra Mundial eram inteiramente novos ou tão alterados em relação ao seu antecessor que não tinham legitimidade especial para seus habitantes. Ainda menos democracias permaneceram estáveis. A política dos estados na Era da Catástrofe era, na maioria das vezes, a política da crise”.

Construídas no estilo pop internacional de Backstreet Boys e Spice Girls e fenômenos latinos anteriores como Menudo, Los Chicos, Los Chamos, Dominó e Polegar.

A emergência de uma espécie de orientalização cultural ganhou novos contornos com o primeiro Oscar de um filme ali produzido e, mais do que isso, o primeiro em língua não inglesa. Estamos falando do sul-coreano *Parasita* (Gisaeng Chung), de 2019. Outros filmes orientais do século 21 também nos fizeram refletir um pouco sobre a sociedade contemporânea, como o sul-coreano *Always* (O-jik geu-dae-man), de 2011, o chinês *A Árvore do Amor* (Shan zha shu zhi lian), de 2010 e *Uma bruxa de cabelos brancos do reino lunar* (Bai Fa Mo Nu Zhuan Zhi Ming Yue Tian Guo) (2016); e o japonês *Confissões* (Kokuhaku), 2010.

Mas a orientalização está longe de acabar! Continuamos tendo contato através dos diferentes canais de streaming, encarregados de divulgar cada vez mais produções artísticas coreanas, chinesas e japonesas, sejam filmes, séries, reality show e animes. Este último, aliás, é um dos movimentos mais rentáveis das terras orientais. A geração anime, nascida no final do século XX e mantida viva nos primeiros anos do século XXI, foi impulsionada por série como *Naruto* (de Masashi Kishimoto), *Pokémon* (de Satoshi Tajiri), *Dragon Ball* (de Akira Toriyama), *Cavaleiros do Zodíaco* (de Masami Kurumada), *Sailor Moon* (de Naoko Takeuchi) e muitos outros. Hoje encontramos várias séries que agora são continuações daquelas séries ou narrativas inspiradas em mangás, jogos, mitologia, comportamento juvenil e adolescente, em que as disputas juvenis são a tônica.

Mas também existem séries originais como *Attack on Titan* (Shingeki no Kyojin), quando a devastação do planeta ocorre com a presença de gigantes que devoram a população e os sobreviventes. Primeiro eles se escondem, depois se reúnem em torno de *Eren Jaeger* para resistir e eliminar os gigantes.

E a mitologia oriental vence em filmes de animação americanos como *Kubo e as cordas mágicas* (Kubo And The Two Strings); e *Raya e o Último Dragão* (Raya and The Last Dragon). Em que o papel da memória ancestral é essencial como ponte necessária para compreender o presente, como destaca Halbwachs. Certamente, para pensar o futuro devemos nos concentrar em compreender nossas ancestralidades, mas sem deixar de lado a certeza de que precisamos dessas construções.

O tempo transcontemporâneo é reforçado por essas dinâmicas plurais, que nos permitem entrar em contato com diferentes formas de pensar o mundo, criar narrativas e compreender os desejos de nossa sociedade. Vivemos com a necessidade de dar voz à pluralidade de gêneros, credos e etnias. Na prática, estamos tendo esse acesso de forma mais contínua, entretanto, e infelizmente, ficamos

apenas no binarismo das viradas orientalistas e ocidentalistas e deixamos de lado diversos outros movimentos artísticos e estéticos.

Eles ganham cada vez mais espaço, apesar da massificação hegemônica do orientalismo/ocidentalismo, resistem e permanecem lutando por reconhecimento de suas existências. Por isso é preciso entender de forma mais plural, pois dentro do espaço ocidental, somos permeados por outras formas de cultura e arte, que evidenciam a cultura latina, a cultura negra, a cultura dos povos originários, a cultura cabocla, a cultura LGBTQUIAP+, a cultura suburbana, entre outras, que constantemente vem sendo atacadas e apagadas, por pseudamente não representares a expressão da cultura americana ou europeia. Mas, compreendemos que essas obras e artistas abordam realidades, culturas e artes de maneira dialética, propondo aproximações entre essas várias culturas, e gera movimentos como o afro-latino-americano, o feminismo-afro-negro-amazônico, a latinidade afro-indígena, entre outros.

Para mim, essas hibridizações culturais não devem ser entendidos como misturas de bandeiras, mas sim como a própria lógica do que seria o transcontemporâneo. Pois, ora temos lutas de coletivos isolados em busca de defender seu território identitário, ora encontramos lutas plurais que permitem incorporar bandeiras distintas de identidades distintas, mas que se unem e se fortalecem entre si.

Não tenho interesse em ser reducionista, defendo a tese de que o tempo transcontemporâneo ainda não chegou, mas está se construindo. Estamos em contato com o plural, produções portuguesas, italianas, espanholas, francesas, mesmo que ainda tenhamos as produções inglesas e norte-americanas em maior volume. Também já buscamos outras experiências artísticas mais latinas, com obras mexicanas, argentinas, chilenas, colombianas. Na imersão em outras culturas temos a japonesa, a coreana, a chinesa e a israelense, responsáveis por um presente mais plural.

Entretanto, essa transcontemporaneidade geográfica ainda está longe de ser atingida de forma mais intensa por obras de países menos conhecidos, mas igualmente importantes, como os países africanos ou da Oceania. Fica evidente que estamos caminhando por uma arte mais trans, quando essas fronteiras de países e culturas tendem a ser problematizadas.

Começamos a ter contato com artistas, que cada vez mais expressão essa pluralidade transcontemporânea em suas obras, seja por conta de discutirem o espaço geográfico, seja pelo diálogo com as vozes e os lugares do discurso. Um Oscar, em 2021, concedido pela primeira vez a uma mulher (Chloé Zhao), uma diretora de origem chinesa, mas que se destacou por filmes que pintam outro retrato da cultura americana, fruto de movimentos feministas e de outras

subalternidades, como o proposto em *Nomadland*, o qual produziu rasgos em relação ao modo de vida americano, desafiado e virado do avesso. Vejamos a seguir a exposição *Tranjsardinagem*:

Imagem 1: Exposição Coletiva *Tranjsardinagem*



Fonte: MUTHA, 2021.¹³

As imagens de uma exposição virtual coletiva disponível desde 2021 no Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA)¹⁴, reúne trabalhos de 25 pessoas de corpo e gênero diversos oriundos da Bahia, mais 16 artistas de várias regiões brasileiras e 6 artistas nacionais vivendo como estrangeiros ou estrangeiros vivendo no Brasil.

A pluralidade de artística reúne: artes cênicas, audiovisual, artes visuais, dança, moda, beleza, literatura, body art, artesanato, dentre outras. Formatadas para significar várias expressões culturais como as negras, amazônidas, indígenas, imigrantes, emigrantes, com deficiência e em diversas faixas etárias e classes sociais. Produzindo um belo exemplo do que chamamos de arte transcontemporânea.

Se nos detivermos especificamente às obras apresentadas na exposição em questão, temos o debate sobre o lugar de fala e da representabilidade evidenciadas. Considero isso muito importante, porém preciso me deter a própria proposta estética, que não está fixada apenas a condição trans, mas que encontramos em outros artista e obras que na transcontemporaneidade nos apresentam obras fixadas fundamentalmente em problematizar as fronteiras do humano e do não humano, construindo híbridos como forma de questionar a própria ideia de “normalidade”. Vejamos a seguir dois exemplos de arte, que podemos chamar de transcontemporâneas.

O primeiro objeto é o vídeo da performer Berna Reale, com a obra “While you laugh / Enquanto você ri”, que a vemos por meio de uma fotografia de Berna, travestida da personagem “Bi”, caracterizada por ser um ser não-binário rosa, em que saltam aos olhos grandes seios e testículos, sem

¹³ Disponível em: <https://mutha.com.br/transjardinagem/>

¹⁴ O MUTHA realiza exposições em meio virtual, disponíveis no em: <https://mutha.com.br/>, livro *Transespécie /Tranjsardinagem*, organizado por Ian Guimarães Habib, Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2021.

mostrar um rosto, revelam um personagem que está preocupada em expor o preconceito e a violência sofrida por pessoas não binárias. Vejamos a fotografia exposta na galeria Nara Roesle, de New York, em 2019.

Imagem 2: While you laugh / Enquanto você ri



Fonte: Berna Reale, Galeria Nara Roeste, New York, 2019.¹⁵

No vídeo, Berna Reale pretende conflitar moradores no centro comercial, explorando a paisagem, revestida de decadência, rastros de um bonde e da destruição pela massa de seu espaço de trabalho e de consumo, em contraste com a imagem travestida e performatizada de seu corpo ao som do *hit*:

A massa é bi, é bi a massa, é bi a massa a massa é bi / La massa és Bi, És Bi la massa, És bi la massa, la massa és Bi/A massa é visível, a massa é massa/ a massa é sensível, a massa é massa / A massa é Pública, Pública a massa, pra massa, a massa é massa. (REALE, 2018)¹⁶

O *hit* se repete em espanhol associando corpos e gêneros, raças e etnias, sem que elas sejam autoritariamente definidas ou problematizadas, o espaço do mercadológico revela as várias formulações do conceito de massa e como essa massa se traveste em binarismo. Já a fotografia, observamos que Berna Reale, com a personagem “Bi” performatiza em um cenário recoberto de tecido floral em posição fetal, deitada em um sofá. Aos seus pés, encontramos três almofadas cobertas

¹⁵ Disponível em: <https://nararoesler.art/exhibitions/156/>

¹⁶ Disponível no YouTube e pode ser acessado no link: <https://encurtador.com.br/aFOUZ>

do mesmo tecido e estampadas com imagens de felinos que utilizam adornos representativos de estereótipos masculinos e femininos, tais como colar, gravata, suspensório, peruca e turbante, como nos leve a pensar sobre suas identidades de gênero, sem que nos fixassem no binarismo de “Bi”, pois a personagem representa a liberdade em várias possibilidades, vemos corpos, plurais e livres.

A segunda representação da expressão do transcontemporâneo que destaco aqui pode ser lida na obra de Daiara Hori Tukano, seja na obra *Kahpiwori* (2016-2020), que metamorfoseia humano e natureza, seja na obra *A queda do céu e a mãe de todas as lutas* (2022), que duplica e intersecciona o masculino e o feminino em releitura da Pietá e as transmutação humano-natureza.

Kahpiwori, possui uma particularidade, ela se utiliza do jenipapo, como etnomaterial muito comum na cultura Tukano, relacionado as pinturas corporais, utilizadas nas cerimônias e festejos daquela comunidade, como único produto para a construção de sua obra. A artista propõe na tela uma reverência à mãe natureza que se transmuta em uma mulher, e se constitui na árvore da vida, que possui muitos caminhos possíveis. Uma alusão ao nascimento dos povos originários.

Vários símbolos femininos e masculinos são por ela confrontados, como se quisesse em seu grafismo nos mostrar a multiplicidade e a subjugação do corpo humano à natureza. Troncos revestidos por losangos como genitálias, fixadas por um ponto, que define o centro de ligação arterial da mulher com a terra, com raízes que a envolve, vestido por tentáculos medusônicos, em movimento de convergência e divergência.

Imagem 3: Kahpiwori



Fonte: Daiara Hori Tukano, 2016-2020 – Jenipapo sobre papel¹⁷

¹⁷ Disponível em e-book de divulgação da obra da artista. Ver: <https://www.daiaratukano.com/arte>

No alto, a cabeça indetermina seu gênero, mas sugere olhos, seios circulares, deixando um bico, estalagníteo formado por um centro-rostro. Uma invaginação liberando jatos sêmicos que se retorcem nos dois lados. Uma reverencia a autofecundação da terra, geradora de plantas, fomentadas pelos bicos das aves, que polinizam a vida. Aves que compõe a criação, a polinização e a ressurreição, compostas por folhas e asas, sugerindo a reprodução e a mítica da ressurgência da vida pela imagem da fênix.

A segunda obra de Daina Tukano é uma pintura em grande formato 2mx4m, que faz um trabalho similar ao da obra anterior, deixando mais explícito ainda o jogo de simbiose humano/natureza, há uma intensa projeção dos elementos que compõem os animais, nos humanos, mulher, ser, homem, revestidos de folhas, estrelas, com longas madeixas pintadas, seja de escarlate simulando as lavas subterrâneas, o fogo que nutre e destrói a terra, seja quando se esvai outonal como folhas caídas, escondidas por traz do vulcão/cabelo. Interessante como os animais estão dispostos ao mesmo tempo como cenário e como substância da narrativa, pois a cobra toma todo o quadro, em um movimento simétrico e ordenado, mas também se dispõe como um duplo, que se diferencia do duplo onça, para dístico cabeça e calda. A serpente, ambivalente, não parece ser duas, mas poderia ser, já as onças parecem ao mesmo tempo ser duas, em uma só, como se ligadas no corpo, pela calda ou pelo dorso que se esconde por traz da cabeleira rio/flor.

Imagem 4: A queda do céu e a mãe de todas as lutas



Fonte: *Daiana Hori Tukano*, 2022, Museu Nacional da República.¹⁸

¹⁸ Disponível em: <https://agenciabrasilia.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2022/12/WhatsApp-Image-2022-12-28-at-22.49.47-1.jpeg>

As obras que analisei representam muito bem o processo trans, que permeiam a arte contemporânea, que neste estudo a chamei de transcontemporânea. Se trata de uma guinada epistemológica pois vemos não somente a visibilidade que é trazida para os gêneros não binários, mas nos motiva a pensar que estamos vivendo essa transformação social e cultural.

Se fizermos um caminho pela arte contemporânea, vamos verificar que estamos em um momento ímpar, pois conseguimos ter acesso a um conjunto de artistas e obras, que estariam longe do grande público, realizado efetivamente por quem tem direito de fala e de representatividade. Olhar a arte feita por Daiana Tukano ou Berna Reale e sentir que a arte está alargando as portas para podermos ver essas mulheres expressarem suas formas de ver o mundo transcontemporâneo.

Esperamos que essa onda se fortaleça e continue nos dando mais espaço para a arte despadrionizada, com a chegada de histórias que nos fazem ir contra a corrente conservadora, que vem sacudindo o planeta. Em um passado não muito distante, quando a guerra fria era um discurso de manutenção dos modelos americanos de ver e fazer arte, cultura e economia no mundo, emergira as ditaduras e se esvaíram as democracias. Vamos ver o que espera o novo século que se inicia.

Peraí,

Adverso, sem verso, inverso,
Percebi que neste universo,
Não teria como versar
Pensar que teria respeito
Conceito de que vai relatar
Mudar a forma sem jeito
Afeio ao meu caminhar
Quero dizer te aceito
Me vejo, me acho, em encendo
E quero tão somente ser mar.¹⁹

Somente seremos ser, sabedores são, servos sistêmicos, sonhadores sós, sem sentido, severos Sísyphos, solenemente sal, sem saber se seremos sempre silvícolas, sagrados seres, sermões solenes, Simões, Sarracenos, Sarmentos, Sargentos, Seres sem servidão.

Referências bibliográficas

BÍBLIA. Português. **Bíblia On-line**. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf>

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. tradução Paulo Neves. - 2- ed. - São. Paulo : Martins Fontes, 1999.

¹⁹ Poema criado em 2024, para finalizar o artigo em questão.

CANDAU, Joel. **Memoria e Identidad**. Buenos Aires: Ediciones Del Sol. 2008.

CARTOGA, Fernando. **História, memória e historiografia**. Coimbra: Quareto, 2001.

FREUD, Sigmund. **Moisés e o monoteísmo**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GUNTHER, John. **Inside Europe**. New York: Harper & Brothers. 1940.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice; Editora Revista. dos Tribunais LTDA, 1990.

MUTHA, Museu Transgênero História e Arte. **Exposição Coletiva Tranjardinagem**. Disponível em: <https://mutha.com.br/wp-content/uploads/2021/05/800PX.mp4>

NIETZSCHE, F. **O anticristo**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.

PRÜFER, Kay. et al. A genome sequence from a modern human skull over 45,000 years old from Zlatý kůň in Czechia. **Nat Ecol Evol**. 2021.

REALE, Berna. **A massa é bi**. Performance Vídeo Arte 2018. Disponível em: <https://encurtador.com.br/aFOUZ>

REALE, Berna. **While you laugh / Enquanto você ri**. Galeria Nara Roesler. New York. 2019. Disponível em: https://artlogic-res.cloudinary.com/w_790,h_700,c_limit,f_auto,fl_lossy/ws-nararoesler/usr/exhibitions/images/156/berna-reale_03_2019_courtesy-of-the-artist-and-galeria-nara-roesler.jpg

TUKANO. Daiana. **A queda do céu e a mãe de todas as lutas**. Pintura em grande formato 2 x 4 metros. Museu Nacional de Brasília. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasilia.df.gov.br/wp-content/uploads/2022/12/WhatsApp-Image-2022-12-28-at-22.49.47-1.jpeg>

TUKANO. Daiana. **Kahpiwori**. Jenipapo sobre o papel. 2016-2020. Disponível em: <https://www.daiaratukano.com/arte>